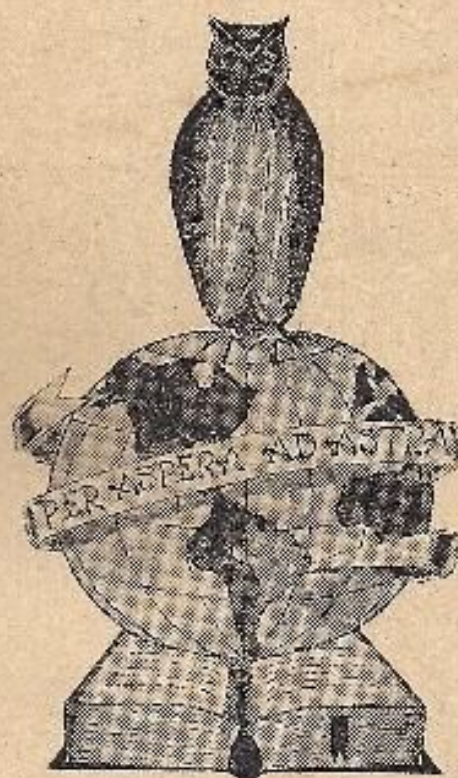


ANUÁRIO

DA

FACULDADE FLUMINENSE DE FILOSOFIA



NITERÓI

1954

COLABORAÇÃO

OS ESTUDOS GRAMATICAIIS LATINOS

Prof. ISMAEL DE LIMA COUTINHO

“Unmittelbare beziehung auf die Sprache haben die Werke der lateinischen Nationalgrammatiker und Lexikographen” (Friedrich Stolz, *Geschichte der lateinischen Sprache*, zweite Aufl., Göschen, p. 11, 1922).

Os estudos gramaticais tiveram início entre os romanos, desde quando o filósofo estóico Crates de Malos, da escola de Pérgamo, foi enviado ao Senado de Roma como embaixador do rei Átalo (168 a. C.), e aí teve de permanecer, por algum tempo, em consequência de um acidente que sofreu, fraturando uma das pernas. Para se entreter em alguma coisa, que lhe tornasse menos penosa a permanência forçada em casa, tomou a si a tarefa de fazer a mocidade romana interessar-se pelos assuntos filológicos. Foi êle, com efeito, quem, em palestras ou lições sôbre a língua e literatura grega, despertou o entusiasmo dos jovens patrícios para êsse gênero de estudos.

Convém frisar, entretanto, que, mesmo antes de Crates, não eram êsses assuntos inteiramente desconhecidos em Roma. Sabemos que o censor e cônsul Ápio Cláudio Cego, já no século III, a êles se consagrava, como se verifica das inovações ortográficas que lhe são atribuídas.

Os efeitos da ação exercida pelo filósofo estóico logo se fizeram sentir, o que se deduz do interêsse que poetas, como Ácio (170 — 90 a. C.) e Lucílio (180 — 102 a. C.), demonstraram pelas questões gramaticais, principalmente de ortografia. No número

dos que sofreram essa influência, pode-se incluir também C. Otávio Lampádio (séc. II a. C.), editor de Névio, cujo poema *Bellum Punicum* dividiu em 7 livros.

Nas indagações lingüísticas, era a etimologia que gozava da preferência dos estudiosos gregos. Nela também se iniciaram os romanos, que se mostravam discípulos fiéis de seus mestres de além-mar, limitando-se às vêzes a repetir-lhes a opinião, sem nada acrescentar.

A velha contenda que dividiu os filósofos da Grécia em dois grupos, a saber, *analogistas* e *anomalistas*, transferiu-se para o solo itálico, onde encontrou igualmente partidários mais ou menos extremados. Como é sabido, os *analogistas* defendiam o princípio da regularidade dos fatos lingüísticos; os *anomalistas* batiam-se pelo princípio contrário, de que não havia regularidade nesses fatos. Aquêlê teve em Júlio César (100 — 44 a. C.), autor da obra desaparecida — *De analogia*, o seu principal defensor; por êste se empenhou Crates de Malos e Lúcio Élio Estilão Preconino. Na disputa tomaram parte, mais tarde, Varrão e Plínio Segundo, que compôs o tratado *Dubii sermonis libri III*, freqüentemente citado pelos gramáticos posteriores.

Urge, entretanto, salientar que os romanos não eram afeitos às altas investigações filológicas, como os gregos. Os seus objetivos foram sempre modestos. Procuravam disciplinar a língua, para que se tornasse um instrumento de fácil manejo. As questões de prosódia, ortografia e sintaxe tomam um largo espaço na obra de seus gramáticos.

Considera-se verdadeiro fundador da filologia latina a Lúcio Élio Estilão Preconino (154 — 74 a. C.), que foi mestre de Cícero e de Varrão. Antes dêle, era a gramática mero instrumento de investigações lingüísticas, a serviço do texto. Foi êle, em verdade, quem a tratou como ciência autônoma, com objeto formal próprio. Revelou-se ainda um erudito comentador de antigos documentos latinos em prosa e verso, como o *Carmen Saliare*, a *Lex duodecim Tabularum* e as comédias de Plauto.

O interêsse pelo estudo da língua latina cresce à proporção que o poder romano se dilata, o povo se civiliza e se enriquece a sua literatura. A partir do Império, o número dos gramáticos se avoluma e, nos últimos tempos, é considerável. Já ficou dito que não

primavam pela originalidade. Não só se apropriavam das opiniões dos gramáticos gregos, mas também se repótiam uns aos outros freqüentemente.

A primeira obra, consagrada inteiramente ao estudo do latim, entre os romanos, deve-se a Marco Terêncio Varrão (116 — 27 a. C.) e intitula-se *De lingua latina*, em 25 livros, de que lamentavelmente nos restam apenas 5. Nela trata Varrão de etimologia, declinação, conjugação e sintaxe. Mas é mister assinalar que não é ainda uma gramática completa. A importância de Varrão está em que os exemplos citados são todos extraídos de antigos escritores, servindo assim de fonte para o conhecimento da história do latim. Muito versado em antiguidades romanas, fêz Varrão bons comentários aos textos arcaicos e é, graças a êle, que sabemos quais as genuínas comédias de Plauto.

Contemporâneo de Varrão e seu émulo em erudição foi Nigídio Figulo, autor de uns *Commentarii Grammatici*, de que há somente fragmentos, citados por Aulo Gélío e Sérvio.

Sabe-se que Cícero (106 — 43 a. C.) não foi um gramático no sentido exato da palavra, mas não se pode negar o seu empenho no estudo dos fatos da língua latina. Em suas obras, principalmente no *Orator*, deparam-se-nos preciosas informações sobre assuntos gramaticais.

Na época de Augusto, aparece Vétrio Flaco, natural de Pre-
nesto, homem de grande erudição, a quem o imperador confiou a educação de seus dois netos. Compôs um *De orthographia*, que se perdeu, e uma grande enciclopédia, em ordem alfabética, intitulada *De verborum significatu*, em que reuniu um vasto material, interessando ao direito, à política, à religião, à literatura e à língua. Desta obra, que não chegou até nós, foram feitos dois resumos: um, em 20 livros, por Sexto Pompônio Festo, que viveu aí pelo século II; outro por Paulo Diácono, contemporâneo de Carlos Magno (séc. VIII). O trabalho de Paulo Diácono, que chegou até nossos dias, nada mais é, por seu turno, que um simples resumo do de Festo.

Mais ou menos desta época (séc. I), é também Ascônio Pediano, que fêz comentários às orações de Cícero, em que procura elucidar a história e a cronologia de suas peças. Dêles temos um fragmento.

Do tempo de Tibério e Cláudio, é Quinto Rêmio Palemão, a quem se deve o primeiro tratado completo de gramática. Merece êle, pela sua dedicação aos estudos da língua, um lugar destacado na história da gramaticografia latina. Distribuiu as palavras em 4 declinações, fixou as regras para a correta pronúncia dos vocábulos de acôrdo com a tradição dos antigos poetas, reconheceu no locativo um sétimo caso, estabeleceu as normas para a *consecutio temporum*, classificou as conjugações segundo os modos verbais. Adepto das idéias de Dionísio Trácio e dos alexandrinos, que applicou ao estudo das flexões, e cuja terminologia seguiu, tornou-se independente na sintaxe. Embora dêle nada nos reste, tal foi a influência de sua obra, que podemos rastreá-la nas citações de todos ou quase todos os gramáticos seguintes.

Sob o govêrno de Nero, floresceu M. Valério Probo, de Beirute, que publicou pouco, mas deixou muitas observações sobre a língua antiga. Fêz edições comentadas de Vergílio, Horácio, Lucrécio, Terêncio e talvez Pérsio. Dêste autor nada resta hoje, apenas referências ou citações feitas por Aulo Gêlio, Carísio, Sêrvio, Pompônio e Donato.

Do fim do século I, é Quintiliano (35-95), natural da Península Ibérica, que escreveu um tratado de oratória, intitulado *Institutio oratoria*, em 12 livros. Esta obra é o fruto de suas observações pessoais, como professor de retórica, em Roma, durante 20 anos. Encontramos nela muitas informações sobre fatos gramaticais, o que nos levou a incluir aqui o seu autor, embora não seja êle propriamente um gramático.

Pertencem à época de Trajano Vêlio Longo e Flávio Cáper. O primeiro occupou-se de questões de grafia, escrevendo o tratado *De orthographia*. Compôs o segundo, além de um trabalho acêreo do mesmo assunto, dois tratados, que se intitulam respectivamente *De latinitate* ou *De lingua latina* e *De dubiis generibus*, de que largamente se serviram os gramáticos subseqüentes, entre os quais Crísio e Prisciano.

Ainda do tempo de Trajano, é Lúcio Cesêlio Víndez, que escreveu um léxico, em ordem alfabética, intitulado *Synonyma seu Lectiones antiquae*, de que só restam fragmentos. Um resumo do seu tratado *De orthographia* aparece em Cassiodoro.

No governo de Adriano, surge Terêncio Escauro, adversário de Cesélio, que escreveu uma *Ars grammatica* e comentários sobre Plauto, Vergílio e Horácio. Dêle só nos chegou o tratado *De orthographia*, que é importante para o conhecimento da pronúncia do latim. Parece haver-se inspirado em Varrão.

No século II, viveu Aulo Gélío, autor da conhecida obra *Noctes Atticas*, em 20 livros, que não é um trabalho gramatical, mas rico repositório de fatos, relacionados com a filosofia, o direito, a história, a literatura e a gramática. Foi escrita durante a sua permanência em Atenas e seus arredores, o que justifica a escolha do título. Produto da vasta leitura de Gélío, assim dos escritores latinos como gregos, contém ela muitas citações de obras hoje inteiramente perdidas e que ficariam no esquecimento, não fôsse o seu registro. Foi discípulo de C. Sulpício Apolinário, natural de Cartago, cujo parecer, em assuntos filológicos, cita em vários passos de sua obra.

Sob o governo de Marco Aurélio, viveu Terenciano Mauro, que escreveu em versos *De litteris*, *De syllabis* e *De metris*. O primeiro desses trabalhos é particularmente interessante pela descrição minuciosa que faz dos fonemas latinos. Serve-lhe de fonte Césio Basso, em que se deve também ter inspirado Atilio Fortunaciano em seu tratado de métrica sobre Horácio, que chegou até nós. Também é digno de menção, nessa época, Mário Plócio Cláudio Sacerdos, que compôs *Artes grammaticae*, em 3 livros, o último dos quais se ocupa de métrica.

Do século III, é o *Appendix Probi*. Trata-se de uma lista de palavras, em que, a par da forma errada, figura a correta. Tem capital importância para o conhecimento do latim vulgar. Não faz registro de fatos sintáticos. Foi escrito em Roma por um gramático anônimo.

É da primeira metade do século IV Nônio Marcedo, natural do norte da África, que compôs a obra intitulada *De compendiosa doctrina*, em 20 livros, dos quais os 12 primeiros tratam de assuntos gramaticais, os outros são dedicados a antiguidades romanas. Tem a forma de um dicionário, e chegou-nos quase completa. É trabalho de muita utilidade pelo grande número de citações de antigos escritores e informações que nos ministra.

Do meado do século IV, é C. Mário Vitorino Afer, como o próprio nome indica, natural da África, autor de uma *Ars grammatica*, em 4 livros, de que só o primeiro se ocupa de assuntos gramaticais; os restantes são consagrados à métrica.

São dessa mesma época também Élio Donato e Carísio.

Foi Élio Donato o mais conhecido dos gramáticos latinos, na Idade Média. A sua fama era tal que "donato" chegou a ser sinónimo de gramático. É autor de uma *Ars grammatica*, em que se inspiraram todos os tratadistas medievais. Compreende duas partes; a primeira, *Ars minor*, em perguntas e respostas, occupa-se com as várias classes de palavras; a segunda, *Ars maior*, mais completa, se subdivide em 3 livros, onde se estuda o som, a letra, a sílaba, os p-s, os tons, a pontuação, as partes do discurso. A secção final é dedicada à estilística. Esta obra foi comentada por M. Sérvio Honorato, no século IV, por Cledônio e Consêncio, no século V, e por Pompeu, no século VI. Donato escreveu também comentários sobre Terêncio e Vergílio. Foi mestre de S. Jerónimo.

Flávio Sosipatro Carísio compôs uma *Ars grammatica*, em 5 livros, considerada uma das melhores compilações no género. Esta obra nos chegou quase completa.

A segunda metade do século IV, pertencem Diomedes, Marciano Capela e Sérvio. Escreveu Diomedes uma *Ars grammatica*, em 3 livros, em que se observam largos traços da influência de Valério Probo. Marciano Capela, natural do norte da África, compôs uma alegoria, intitulada *De Nuptiis Mercurii et Philologiae*, em 9 livros. Narra as bodas de Mercúrio com a Filologia, tal como o indica o título. É uma verdadeira enciclopédia, em que aparecem as sete artes liberais, que formavam o séquito do noivo, em cujo número se incluía a Gramática. Cada uma se põe a falar de assuntos que lhe interessam, enquanto aguardam os preparativos para a cerimónia nupcial. Encontram-se aí muitas informações interessantes relativamente à língua. Sérvio foi um comentador e intérprete atilado das obras de Vergílio. Aparece nas *Saturnais* de Macróbio como um dos interlocutores.

No rol dos autores que se occuparam da língua latina, é de justiça incluir Macróbio, ou melhor, Ambrósio Macróbio Teodósio, natural da África, que viveu igualmente nesse século, em cujas

Saturnais, em 7 livros, se encontram referências frequentes a fatos gramaticais. Escreveu também um tratado de verbos gregos e latinos, intitulado *De differentiis et societatibus Graeci Latinique verbi*.

No século V, viveu Consêncio, autor dos tratados *De nomine et verbo* e *De barbarismis et metaplasmis*, que são particularmente importantes para o conhecimento do latim vulgar. Parece que se trata de enxertos de uma gramática completa, que não chegou até nós. Igualmente do século V, são Cledônio, que foi professor em Constantinopla, e escreveu uma *Ars*, explanando a doutrina gramatical de Donato; e Pompeu, que escreveu sobre a obra do mesmo gramático um *Commentum artis Donati*.

No comêço do século VI, aparece Prisciano, professor de gramática em Constantinopla, que viveu no tempo do imperador Anastácio. Escreveu *Institutiones grammaticae*, em 18 livros, obra notável pela soma de ensinamentos que encerra, embora nem sempre originaes. Os 16 primeiros livros versam sobre fonética, morfologia, formação de palavras; os dois últimos se ocupam de sintaxe. Para mostrar o interêsse que esta obra despertou, na Idade Média, basta dizer que se conhecem dela mais de 1.000 manuseritos.

Dêste mesmo século, é Cassiodoro, homem público de grande cultura, que versou, com proficiência, assuntos de história e de língua latina. Deixou-nos um tratado *De orthographia*.

Fechando a longa série de autores que se ocuparam do latim, é justo que se cite S. Isidoro, bispo de Sevilha, que viveu entre 570 e 630, e o venerável Beda, que morreu em 735. Compôs Isidoro uma obra em 20 livros sobre origens, intitulada *Etymologiae*, dos quais os 11 primeiros são dedicados a assuntos filológicos. Não obstante algumas falhas e erros que se notam nesse monumental trabalho, é êle digno da maior consideração dos estudiosos pelas preciosas informações que dá acêrca de palavras, fatos e coisas da Península Ibérica. De menor importância é, sem dúvida, o seu *De differentiis verborum*, em que seguiu as pegadas de Agrécio. É consagrado ao estudo da sinonímia. Não são destituídas de interêsse as informações que nos fornece acêrca da pronúncia do latim da Hispânia, nessa época.

Escreveu o venerável Beda alguns trabalhos gramaticais, inspirados todos em gramáticos anteriores, principalmente Donato, Carísio e Diomedes.

Das gramáticos latinos deu-nos Keil uma excelente edição, em 7 volumes, intitulada *Grammatici latini* (1867-1880). Higinio Funaioli coligiu fragmentos de gramática desde Aécio até Augusto, que publicou sob o título *Grammaticae Romanae fragmenta* (1907), de que somente apareceu o 1.º volume. Como suplemento à compilação de Keil, reuniu Haag os trabalhos dos gramáticos medievais, que publicou nas *Anecdota Helvetica* (1870).

BIBLIOGRAFIA

- SUETÓNIO — *De Grammaticis*.
- KEIL — *Grammatici latini*, 7 vols., Leipzig, 1867-1880.
- H. J. ROSE, M. A., F. B. A. — *A Handbook of Latin Literature*, 2d. edit., London, 1949.
- W. M. LINDSAY — *The Latin Language*, Oxford, 1894.
- JOHN EDWIN SANDYS — *A companion to Latin Studies*, 3d. edit., Cambridge, 1943.
- MIDDLETON AND MILLS — *Student's Companion to Latin Authors*, London, 1896.
- ERNEST KIECKERS — *Historische Lateinische Grammatik*, 1 Teil, Paulehrer, München, 1930.
- F. SOLZ — *Geschichte der lateinischen Sprache*, zweite Aufl., Göscher, Leipzig, 1922.
- SCHANZ-HOSTUS — *Geschichte der Römischen Literatur*, 7 vol., München, 1907-1920.
- W. S. TEUFFEL — *History of Roman Literature*, 2 vols., London, 1900.
- A. GUDEMANN — *Ver Grammatik*, in *Real — Encyclopädie d. Klassischen Altertumswissenschaft*.
- LAURAND — *Manuel des Études Grecques et Latines*, 4 vols., Paris, 1937-1938.
- NICOLA TERZAGHI — *Storia della Letteratura Latina*, 2 vols., Torino, 1944.
- GINO FUNAIOLI — *Studi di Letteratura Antica*, 3 vols., Bologna, 1949.
- FRANCESCO DELLA CORTE — *La Filologia Latina dalle Origine a Varone*, Torino, 1937.
- GONCETTO MARCHESTI — *Storia della Letteratura Latina*, 8.ª ed., 2 vols., Milano, 1950.
- VARIOS AUTORES — *Introduzione alla Filologia Classica*, Milano, 1951.
- WILHELM THOMSEN — *Historia de la Lingüística*, Edit. Labor, Barcelona, 1945.
- WILHELM KROLL — *Historia de la Filologia Clásica*, Edit. Labor, Barcelona, 1945.